

# Adélia Prado – Limites

Uma noite me dei conta de que possuía uma história,  
contínua, desde o meu nascimento indesligável de mim.  
E de que era monótona com sua fieira de lábios, narizes,  
modos de voz e gesto repetindo-se.  
Até os dons, um certo comum apelo ao religioso  
e que tudo pesava. E desejei ser outro.  
Minha mãe não tinha letras.  
Meu pai frequentou um ginásio por três dias  
de proveitoso retiro espiritual.  
Tive um mundo grandíssimo a explorar:  
'Demagogia, o que é mesmo que essa palavra é?'  
Abismos de maravilha oferecidos em sermões triunfantes:  
'Tota pulchra est Maria!'  
Só quadros religiosos nas paredes.  
Só um lugar aonde ir  
– e já existiam Nova Iorque, Roma!  
Tanta coisa eu julguei inventar,  
minha vida e paixão,  
minha própria morte,  
esta tristeza endócrina resolvida a jaculatórias pungentes,  
observações sobre o tempo. Aprendi a suspirar.  
A poesia é tão triste! O que é bonito enche os olhos de  
lágrimas.

Tenho tanta saudade dos meus mortos!  
Estou tão feliz! À beira do ridículo  
arde meu peito em brasas de paixão.  
Vinte anos de menos, só seria mais jovem.  
Nunca, mais amarável.  
Já desejei ser outro.  
Não desejo mais não.